

KORPO FECHADO



casadosespíritos

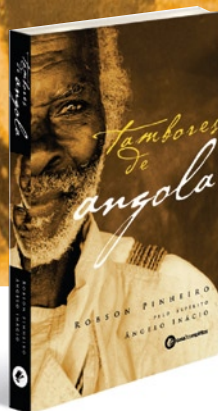
DEGUSTAÇÃO
CORTESIA
DO EDITOR

ROBSON PINHEIRO
PELO ESPÍRITO W. VOLTZ,
ORIENTADO POR ÂNGELO INÁCIO

QUAL É A MELHOR
FORMA DE COMEMORAR
OS 100 DA UMBANDA?
**PARA NÓS, SUPERAR OS
100 MIL EXEMPLARES DO LIVRO
QUE MUDOU A VISÃO
A RESPEITO DA UMBANDA.**

**TAMBORES DE ANGOLA,
115 MIL EXEMPLARES VENDIDOS.**

O que para alguns é só um sucesso de vendas,
para a Casa dos Espíritos é expansão da consciência.



TAMBORES DE ANGOLA

Esclarecedor sobre a origem histórica da religião brasileira, *Tambores de Angola* foi pioneiro, na literatura espírita, ao desmistificar a umbanda, combatendo o preconceito e expandindo a consciência de seus muito mais de 100 mil leitores.



ARUANDA

Magia negra, elementais, pretos-velhos e cablocos sob a ótica espírita. Após as repercussões de *Tambores de Angola*, o repórter do Além, Ângelo Inácio, prossegue seus relatos.



casadosespíritos

| Nas melhores livrarias

COORPO FECHADO

Robson Pinheiro
pelo espírito W. Voltz,
orientado por
Ângelo Inácio

casadosespíritos



1ª EDIÇÃO DEGUSTAÇÃO | ABRIL DE 2009 | 20.000 EXEMPLARES | VENDA PROIBIDA
CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA, © 2009

Todos os direitos reservados à CASA DOS ESPÍRITOS EDITORA
Rua Floriano Peixoto, 438 | Novo Progresso
Contagem | MG | 32140-580 | Brasil

Tel/Fax +55 31 3304 8300
www.casadosespiritos.com.br
editora@casadosespiritos.com.br

TÍTULO	Corpo Fechado
AUTOR	Robson Pinheiro
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E NOTAS	Leonardo Möller
PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO E CAPA	moô www.moostudio.com.br Andrei Polessi Monica Raynel Fernanda Muniz
REVISÃO	Laura Martins
IMPRESSÃO E PRÉ-IMPRESSÃO	Orgrafic
FORMATO	15,5 x 23 cm
NÚMERO DE PÁGINAS	16
ISBN	978-85-87781-33-8

Sumário

- 1 Conversa de pai-velho
- 2 Encosto
- 3 Desdobramento
- 4 Auto-defesa energética
- 5 Sessão de descarrego
- 6 Filha de Iansã
- 7 Fitoterapia da Aruanda
- 8 Fundamentos da vida espiritual
- 9 Remédio amargo
- 10 Consciência intrusa

“Eu tenho o corpo fechado,
Xangô é meu protetor,
afirma o ponto, meu pai,
pai de cabeça chegou...”
Cântico de pais-velhos
(domínio público)

2

Encosto

Após uma pausa necessária para os preparativos do ambiente psíquico, o povo foi entrando no salão onde os médiuns atendiam em nome da caridade.

Ali os sensitivos eram costumeiramente chamados de *cavalos*, como uma forma alegórica de dizer que o cavaleiro ou condutor são os espíritos e eles, os médiuns, são guiados por aqueles mais

competentes, que têm uma visão mais ampla da vida. Como cavalos, seriam conduzidos, embora tivessem movimentos próprios, tal como esses animais. Tinham a liberdade de ir e vir, de atuar, interferir, impedir excessos, sendo responsáveis pelas ações realizadas através de si. Não eram marionetes sem vida, mas obedeciam às intuições conforme o bom senso, a razão. O termo *cavalo* era apenas uma figura simbólica muito utilizada na linguagem cabocla, mas bastante apropriada, considerando-se o tipo de trabalho que era realizado e os costumes locais. Abstraindo-se dos nomes usados aqui e acolá, todos eram médiuns de seus guias, a serviço do amor ao próximo, da caridade.

Este era um aspecto que fazia toda a diferença nas atividades realizadas sob o patrocínio do preto-velho Pai João: nada se cobrava pelas orientações dadas pelos guias espirituais ou pelos serviços prestados pela comunidade. Fazia questão de deixar muito clara a natureza filantrópica e espiritual de suas atividades junto àquele agrupamento.

Em respeitoso silêncio, as pessoas foram se acomodando nos bancos simples do salão, construído em meio a várias árvores e jardins. A simplicidade, no entanto, não significava desleixo. Tudo era muito arrumado. As paredes claras com algumas samambaias e outras plantas faziam a decoração do lugar. À fren-

te da cabana ou do salão de atendimento ao público, uma espécie de altar, onde se via apenas uma cruz simbolizando o compromisso com o Cristo, envolta num ramo de parreira, cujo simbolismo remetia ao espiritismo, às falanges do Espírito Verdade. Uma toalha branca alvíssima emoldurava o altar singelo, onde se concentravam as energias dos médiuns e visitantes. Era um condensador energético de grande potência, pois para ali convergiam as vibrações dos médiuns e dos benfeitores como se fosse uma bateria, pronta para ser utilizada a fim de abastecer a corrente mediúnica em suas necessidades magnéticas. Nenhuma imagem de santo nem qualquer outro adereço compunha o quadro, que, de tão simples, passaria despercebido a qualquer um que não fosse informado de suas finalidades. Dali irradiavam energias benfazejas, que eram diariamente renovadas pelos benfeitores daquela comunidade.

Não era um centro espírita, portanto não se poderia esperar que a forma de culto ou de intercâmbio obedecesse ao rigor observado nos centros que chamavam *de mesa* ou nos que seguiam à risca as convenções do movimento espírita. Era uma casa de caridade apenas, um templo em cujas dependências se praticava a lei da caridade conforme os espíritos mais simples ensinavam. Nada mais.

Ouvia-se, desde o salão, um cântico suave, harmo-

nioso, que vinha dos aposentos atrás da mesa-altar ou condensador energético. Era o local onde se reuniam os médiuns, preparando-se para o atendimento ao público. Todos se movimentavam tendo em mente a santidade do lugar, conforme Pai João ensinara. Um a um os médiuns tomavam seu banho de asseio para depois entrar em contato com as energias benéficas da natureza extraídas das plantas. Era o banho de ervas, conforme haviam aprendido.

Afinal, os médiuns vinham todos de suas atividades diárias, de seu trabalho. Segundo o ensinamento recebido dos benfeitores de suas atividades, durante o banho mentalizavam uma limpeza não somente física, mas sobretudo energética. O banho com o perfume das ervas remetia às forças da natureza, de onde tais ervas eram retiradas, de acordo com as instruções dadas previamente pelos pais-velhos. Os médiuns respiravam fundo, faziam uma oração; ao despejar o banho sobre si, reabasteciam-se de fluidos balsâmicos, preparando-se para o atendimento aos consulentes. Ali, tomava-se precaução quanto às eventuais energias daninhas e discordantes que alguém porventura trouxesse impregnadas em sua aura. Ao exalar o cheiro das ervas do próprio corpo, os médiuns, muitas vezes sem o saber, contribuíam para que o consulente pudesse aspirar o magnetismo primário da natureza. Isso fazia diferença.

O perfume natural das substâncias medicamentosas penetrava fundo através do olfato e atingia certas regiões do cérebro, liberando químicos que favoreciam novo estado consciencial. Os próprios médiuns, ao inspirar o perfume e as essências aromáticas, colocavam-se em sintonia com energias balsâmicas. A higiene física realizada antes dos trabalhos predisponha à higiene mental e emocional, proporcionada pelo contato com a natureza. Conforme Pai João falara para seus filhos certo dia: “Se vocês não convivem tão intensamente com a natureza, meus filhos, vamos trazer a natureza para perto de vocês através das ervas”.

Na atualidade ainda há quem conteste a eficácia dessas técnicas; contudo, entre aqueles supostamente mais esclarecidos, esses métodos caboclos são chamados de fitoterapia. Mudam-se os nomes, a nomenclatura, mas o ensinamento e os efeitos são idênticos.

Os médiuns vestiam-se de branco, e as roupas eram feitas de forma simples, sem adereços, colares ou qualquer outro tipo de enfeite. Apenas a roupa, que era preparada especialmente para o trabalho. A adoção desse comportamento ocorria para que os médiuns não precisassem permanecer com suas próprias roupas durante os trabalhos práticos, pois muitas vezes estavam sujas, usadas ou com odores desagradáveis. O frescor e a limpeza dos trajés re-

fletiam o cuidado com o aspecto externo, lembrando da necessidade de preparar-se internamente. A roupa branca, além de revelar um aspecto simbólico que lhe é inerente, transmitindo asseio e leveza, apresentava também a vantagem de ser fácil de lavar e de extrair dela possíveis manchas.

Todos ali cultivavam um sentimento de respeito muito profundo para com o trabalho mediúnico. Algo que, aos poucos, muita gente perdeu. Em alguns locais, os indivíduos penetram em ambientes dedicados ao trabalho espiritual como se adentrassem uma reunião qualquer. Com frequência, os trabalhadores vêm de suas atividades profissionais e nem sequer têm tempo de passar em casa para a higiene pessoal ou para reabastecer-se energeticamente. Comumente, as roupas impregnadas de poeira ou de outros elementos, como os resíduos da poluição atmosférica, são as mesmas com que adentram os ambientes de seus templos ou casas espíritas e com as quais atendem o público. Não que isso seja errado, mas pode refletir a perda, observada em muitos lugares, do sentido de santidade que envolve o intercâmbio com os benfeitores espirituais e o respeito para com aqueles que são atendidos, de um e outro lado da vida. Quantos levantam os braços para aplicar os passes curadores, exalando cheiro tão desagradável que se anula o resultado espe-

rado, devido às reações causadas nos consulentes? Em outras ocasiões, a roupa inapropriada do trabalhador desagrada os conceitos mais simples de bom senso e respeito: curtas ou apertadas demais, evidenciando partes, e decotes em excesso, composições esdrúxulas ou simplesmente trajes criados para o lazer, e não para o trabalho.

A fim de evitar situações semelhantes, Pai João definiu entre os seus filhos a adoção de algumas medidas naquele recanto de trabalho. Além do uniforme branco, todos deveriam realizar a higiene física e energética ali, antes do atendimento ao público. Após os banhos de asseio e com as ervas, os médiuns deveriam receber o passe magnético antes de adentrar o salão de atendimento ou as salas de manipulação magnética, local onde eram tratados os casos mais graves de saúde e alguma emergência de natureza espiritual ou energética.

Aquelas não eram regras rígidas, que nunca pudessem ser quebradas. Aliás, Pai João adiantara para seus filhos, os trabalhadores do remanso de paz, que toda regra é para ser quebrada quando necessário, uma vez que imprevistos surgem aqui e acolá. Era necessário pedir a sabedoria do Alto a fim de entender quando e como agir; em que momentos deveriam se apressar ou diminuir o ritmo da caminhada e, ainda, quando precisavam simplesmente parar,

a fim de evitar zelo em excesso, o que, em geral, se aproxima perigosamente do fanatismo religioso.

Na hora em que os médiuns penetraram o ambiente onde se encontrava o público, já encontraram um lugar harmonizado. Aroma de ervas muitíssimo discreto exalava não se sabia de onde. Era algo muito sutil, quase imperceptível, não agressivo ao olfato nem a alguma sensibilidade.

Quando as pessoas ingressavam no salão, as precauções energéticas já haviam sido tomadas. A limpeza fluídica do ambiente já havia sido realizada, e as vibrações necessárias à manutenção da harmonia já haviam sido feitas anteriormente. O respeitoso silêncio dos consulentes daquela noite, e de tantas outras, era algo notável. Tinham em mente que o lugar era dedicado ao intercâmbio com os representantes do bem maior, das fraternidades do espaço e consagrado ao contato com os próprios benfeitores. De branco, os médiuns lembravam enfermeiros que, instantes antes, haviam se preparado e se higienizado e então estavam aptos a receber os médicos do Alto, que atenderiam os convidados de Jesus, os necessitados de carinho, de aconchego ou simplesmente de uma palavra amiga.

Música suave e com tons harmoniosos começou a ser cantada por um dos médiuns, acompanhada pelas notas harmônicas de um violão, dedilhado por

alguém que sabia como dar o tom certo a fim de tocar os corações. Era uma cantiga que lembrava o paraíso espiritual; era uma cantiga de Aruanda.

Após a prece de abertura dos trabalhos, um a um os médiuns foram incorporando seus mentores. Pai João assumiu seu médium em conformidade com as práticas daquele recanto de trabalhos fraternos. Em silêncio, os presentes ouviam a mensagem do pai-velho, que abria os trabalhos da noite:

— Deus seja louvado, meus filhos. Estamos aqui nesta noite abençoada para dar uma palavra de conforto aos filhos que vêm em busca de consolo. Nosso objetivo não é solucionar os problemas materiais nem trazer respostas para questões de ordem íntima, vividas por todos. Trabalhamos na tarefa do consolo, do esclarecimento e da cura espiritual. Não viemos substituir a medicina nem os médicos. Nosso trabalho, meus filhos, é auxiliar, amparar de acordo com as necessidades energéticas e espirituais de meus filhos. Vestimos a roupagem do pai-velho para que possamos falar aos simples, de forma simples. Não somos mais escravos, tampouco estamos aqui para satisfazer os desejos de quem quer que seja. Nosso intuito é combater o preconceito, é indicar caminhos na busca da espiritualidade. Se porventura houver algo mais complexo no histórico de vida de meus filhos, faremos de nossa parte

o possível para orientar cada um quanto à melhor maneira de se libertar das complicações de origem espiritual ou energética. Mas não pensem que resolveremos seus problemas nem que tenhamos respostas para todas as indagações e dúvidas. Não adivinhamos nada da vida de ninguém nem pretendemos fazer aquilo que cabe somente a vocês. Não trabalhamos por interesses mesquinhos, não fazemos casamento, não arranjam emprego nem pretendemos curar os males do corpo. Também não lidamos com questões sentimentais ou conjugais.

[...]

Retornando a atenção para a tenda, no salão onde se encontravam diversas pessoas se consultando com os médiuns incorporados — algo nada comum numa casa espírita, mas perfeitamente compreensível dentro da filosofia do culto umbandista, de suas práticas e costumes —, o pai-velho atendia uma pessoa que parecia interessada em conhecer algo mais a respeito dos espíritos e da forma fluídica que adotavam ao se manifestar em outros cultos.

— Venho aqui, Pai João — começou a falar o homem que pedia auxílio em seus estudos —, para entender um pouco como funciona o culto no formato da umbanda. Eu não sou umbandista, mas espírita; portanto, nunca vi nada semelhante ao que ocorre

por aqui. Queria sua ajuda para meus estudos, a fim de obter maiores detalhes a respeito das diversas manifestações espirituais em sua tenda.

— Eu entendo, meu filho. Primeiro, louvo a Deus que alguém queira estudar um pouco das manifestações tal como ocorrem em locais ou cultos diferentes do seu, destituído de preconceito. Mas é bom que saiba, meu filho, que por aqui não se pratica a umbanda da forma ortodoxa, como outros irmãos umbandistas a entendem; temos aqui uma espécie de transição em matéria de vivências espirituais. Não posso classificar nosso método como umbanda propriamente dita. Estamos nos esforçando por trazer apontamentos aos trabalhadores desta tenda, de modo a ensinar outros métodos tão eficazes quanto os praticados na umbanda de raiz. Os filhos que aqui trabalham estudam bastante, aprendem diretamente, no campo abençoado do dia-a-dia, como lidar com os problemas de ordem espiritual. Acredito que estamos, aos poucos, conseguindo liberar meus filhos do misticismo exagerado e de certas fantasias que são fruto de crenças irrefletidas, assim como educá-los para que possam dar um passo além, em termos de espiritualidade.

“Contudo, aqui trabalhamos com caboclos, pais-velhos e outras entidades que preferem essa forma fluídica a fim de cativar aquelas pessoas mais sim-

ples ou aqueles que se sentem mais afinados com certos elementos que são familiares a seu conceito de vida espiritual e sua cultura, do ponto de vista reencarnatório. Também optamos por esse formato ou aparência fluídica porque, no plano astral, trabalhamos com espíritos que, durante muito tempo, ficaram presos a crenças bem distorcidas ou mesmo a interpretações equivocadas sobre a vida espiritual. Apresentarmo-nos com o aspecto de pais-velhos ou caboclos geralmente resulta em mais impacto e maior respeito entre esses espíritos, além, é claro, de podermos cativar aqueles mais simples, a quem dedicamos nosso trabalho e nossa atenção.”

— Mas não entendo por que vocês são chamados de *pais-velhos*, e não de *irmãos*, como nos centros espíritas...

— Pai, irmão, primo; tanto faz, meu filho. Você mesmo pode escolher o tratamento, como quiser. Os filhos nos chamam de pais-velhos apenas como forma de distinguir aqueles espíritos mais experientes, os responsáveis por sua condução ou orientação espiritual. O termo *pai-velho* significa apenas isto: alguém mais experiente, mais vivido. De todo modo, não se atenha a essas minúcias, filho. Chame-nos como quiser e estaremos próximos, conforme a vontade de Deus, nosso pai.

[...]

Espiritualidade
é viver a
vida em
plenitude.
É ser feliz.

HORIZONTES



Todo
DOMINGO
10H00
Não perca!

Programa da Rádio Mundial.

ROBSON PINHEIRO e **LEONARDO MÖLLER**

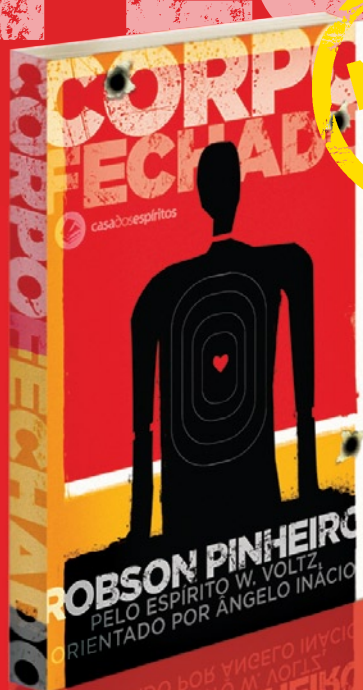
HORIZONTES: Espiritualidade abordada
como você nunca viu. **DOMINGOS** às 10H00.

Robson Pinheiro, médium e terapeuta holístico, autor de mais de 25 livros, entre eles Tambores de Angola, e Leonardo Möller, editor da Casa dos Espíritos Editora. Mais informações: www.robsonpinheiro.com.br



MENTE ABERTA CORPO FECHADO

EM
MAIO
NAS
LIVRARIAS



**CORPO FECHADO.
ROMANCE INÉDITO
DE ROBSON PINHEIRO.**

DO MESMO AUTOR DE *TAMBORES DE ANGOLA*.

Vidas que se cruzam, perdas em diferentes objetivos. O universo dos pretos-velhos, da sabedoria das ervas e das energias sutis da natureza. Mentes abertas, corpos fechados. Vestidos e armados com as armas de Jorge.



casadosespíritos

ISBN 978-85-87781-33-8



9 788587 781338